

## **Formação e Relações de Poder na Gestão da Festa de Itapuã**

**Débora Matos Maia**

### **Resumo**

O presente artigo busca compreender o processo de gestão da Festa de Itapuã a partir do viés das dinâmicas culturais locais, tomando como recorte do campo investigativo a festa no ano de 2011. Essa investigação buscou captar as particularidades da cultura local, como também compreender os sentidos e significados da valorização das tradições pela comunidade de Itapuã, focando nas relações de poder e nos processos formativos. A metodologia foi desenvolvida a partir de estratégias etnográficas como a observação participante durante o ano de 2010, gravações em audiovisual das reuniões de organização e 13 entrevistas realizadas com pessoas ligadas à festividade. A Festa de Itapuã é marcada por inúmeras disputas e relações de poder, em que forças externas ao bairro passam a participar dos momentos de organização e a influenciar no processo de gestão. A população local, ao perceber que as tradições da Lavagem de Itapuã vinham perdendo o foco, passa a se organizar para retomar o sentido e significado da festa para a comunidade. Diversos conflitos permeiam esse processo organizativo e, junto com eles, a formação dos sujeitos vai acontecendo. No referencial teórico foram utilizados autores como Brandão, Ordep Serra, Eufrásia Santos, Foucault, Milton Santos e Paulo Freire.

### **Palavras-chave**

Gestão da Festa de Itapuã. Relações de Poder e Formação.

### **Abstract**

This article intends to understand the process of social management of the Itapuã Party, based on the local cultural dynamics, having as its analytical data the 2011 Party. Such research sought to capture the peculiarities of the local culture and also to understand the meaning and appreciation of the traditions of the Itapuã community, focusing on power relations and training processes. The methodology was developed using ethnographic strategies such as participant observation, performed throughout the year

2010, shooting of the meetings of the organization and 13 interviews with people connected to the festivity. The Itapuã displays dispute and power relations, carried out by outside forces that participate in the moments of organization and influence the management process. After realizing that the tradition of the *Lavagem de Itapuã* had been losing its focus, local people begin to organize themselves in order to reestablish the meaning and significance of the festival to the local community. Various conflicts permeate the organizational process and, along with them, the training of the subjects takes place. The theoretical reference covers authors such as Brandão, Ordep Serra, Eufrazia Santos, Foucault, Milton Santos and Paulo Freire.

**Keywords** Management of the Itapuã Party. Power Relations and Education.

## INTRODUÇÃO

O bairro de Itapuã é territorialmente grande, mas, em se tratando do sentido da palavra comunidade, este parece diminuir pela proximidade com que os seus participantes passam a ter. O reflexo do que acontece no território pode ser reverberado nos eventos culturais, a exemplo da festividade que mais mobiliza o bairro, a Lavagem de Itapuã, que tem relação com todo um processo educativo, endoculturativo, ou seja, de formação a partir da convivência com a cultura, trazendo reflexões a respeito da localidade e, conseqüentemente, também da totalidade em que estão imersos.

Este artigo é fruto de uma pesquisa em que foram utilizadas estratégias etnográficas como a observação participante, entrevistas, gravações em audiovisual e diário de campo. A observação participante permitiu um envolvimento por dentro do processo e favoreceu uma percepção melhor do cotidiano local. É uma técnica que possui como desvantagem o risco da não aceitação do pesquisador(a) por parte do grupo. No entanto, o fato de residir no bairro contribuiu de forma positiva nessa aceitação.

A fase de observação inicia-se em 2010 e, no ano de 2011, foram entrevistadas treze pessoas<sup>2</sup> que demonstraram possuir ligações com a temática. Ou seja, o critério foi baseado na ligação das pessoas com a cultura local, identificados junto à comunidade a partir do seu prestígio enquanto possível representante ou liderança e que também tivesse envolvimento com a Festa da Lavagem de Itapuã. Assim, “os que são considerados em nível de liderança nas comunidades, para que assim sejam tomados, necessariamente, refletem e expressam as aspirações dos indivíduos da sua comunidade” (FREIRE, 2005, p. 141).

A festividade, para essas pessoas, tem um significado particular e, ao mesmo tempo, coletivo

e diverso. Isto explica-se, porque: é a memória de antepassados, que por anos mantiveram a tradição; alimenta a identidade com o lugar; por ser espaço propício para autopromoção; lugar que divulga grupos e manifestações culturais; espaço onde as regras são modificadas e a ludicidade é experimentada; serve de fonte extra de renda; por ser espaço de socialização entre moradores e destes com pessoas de fora do bairro. Além de tantas outras motivações.

A inserção de uma visão mais comercial das lavagens, aliada a uma nova forma das pessoas se divertirem, acabou influenciando diretamente na constituição da Festa de Itapuã, que passou a sentir o enfraquecimento das suas tradições em função de uma nova lógica atuante, afastando alguns moradores locais que não gostaram da forma como passou a ser conduzida a festa. A comunidade, então, através de uma comissão organizadora formada por vários segmentos representativos, grupos culturais, entidades e moradores, acaba por se reunir antecipadamente para discutir uma proposta de organização, programação e realização da Lavagem de 2011, a qual teve como inspiração a ideia de divulgar a história, fortalecer a identidade e permitir a expressão da diversidade cultural que habita o bairro, buscando valorizar os momentos tradicionais da Festa da Lavagem e a forma solidária de organização compartilhada.

Nos primeiros momentos de organização e mobilização da comunidade de Itapuã, a festa começa a ser vivenciada, sendo o seu dia apenas a materialização do que foi planejado. Desta forma, como acontece a gestão da Festa da Lavagem de Itapuã? Quais os principais conflitos e discussões? De que maneira a comunidade aborda esses conflitos e os transforma em aprendizados? Como a tradição da Festa é mantida e, ao mesmo tempo, ressignificada? Para tanto, faz-se necessário compreender o que são as Festas de Largo na cidade de Salvador e como esse tipo de folguedo foi aos poucos se transformando. Em seguida, a Festa de Itapuã é caracterizada e a sua organização é descrita através da fala dos próprios atores sociais.

A partir daí, percebe-se que a festa é cercada de relações de poder, em que grupos organizados da comunidade pretendem imprimir sua forma de pensar a festividade, valorizando a tradição, ao tempo em que forças “externas” ao bairro, como grandes empresas e forças políticas institucionalizadas, inclusive expressas pelos poderes constituídos – órgãos públicos e políticos em mandato legislativo –, tentam contemplar seus próprios interesses, gerando disputas e conflitos durante todo processo de gestão da Festa.

## **O SIGNIFICADO DE FESTA DE LARGO**

As festas populares podem guardar sentidos, significados e conhecimentos ancestrais, passados por gerações, através de rituais guardados na memória, através dos quais são transmitidos valores fundamentais à socialização das pessoas nos lugares. Estas são festas iniciadas em um determinado período por algum motivo particular de comemoração ou agradecimento. São acolhidas por um coletivo que oralmente passa, de geração em geração, as informações pertinentes àquele festejo, sendo, portanto, uma maneira de se afirmar a identidade de um povo. Devido a seu caráter coletivo, é também um espaço para que as pessoas de determinado lugar possam se unir, se reencontrar e se reconhecer.

Eis um sistema inicial de *trocas* entre pessoas que configura a própria essência da festa popular no Brasil. Porque, cheia de falas e gestos de devoção, ruptura e alegria, ela afinal não é mais do que uma sequencia cerimonialmente obrigatória de atos codificados de *dar, receber, retribuir, obedecer e cumprir*. Troca-se o trabalho por honrarias, bens de consumo por bênçãos, danças por olhares cativos, o investimento do esforço pelo reconhecimento do poder, a fidelidade da devoção pela esperança da bênção celestial (BRANDÃO, 1989, p. 11).

Dentre tantos tipos de folguedos estão as Festas de Largo. Estas surgem “com uma tradição Européia, a qual também frutificou em outros pontos da América Latina. No continente americano, ela freqüentemente sofreu modificações, em contato com outros sistemas rituais de diferentes culturas” (SERRA, 1999, p. 55).

Para o antropólogo Ordep Serra (1999, p.71), o ritual da Lavagem não é oriundo do povo dos terreiros, mas uma tradição ibérica, ressignificada pelas matrizes religiosas afrodescendentes. A Lavagem acontecia dentro das igrejas europeias, no entanto, ao tomar rumos não religiosos, as autoridades eclesiásticas viram-se obrigadas a reagir, proibindo-a no espaço sagrado, limitando a festividade às escadarias. Essa proibição acabou abrindo margem para que o rito das religiões afrodescendentes se aproximasse e se apoderasse da brecha de sacramento deixada pela Igreja Católica.

O termo profano, muitas vezes, é usado como equivalente a “não religioso”, no entanto, “a idéia de profano só tem sentido numa perspectiva religiosa, ou seja, no domínio fenomenológico em que se opõe à noção do sagrado” (SERRA, 1999, p. 53). A religião e as crenças que fazem essa divisão, sendo que isso é relativo, pois o que é considerado sacro varia de cultura para cultura e assim o profano também acaba por variar.

Segundo a estudiosa da área de antropologia da festa, Eufrázia Santos (2006, p. 2), os adeptos do candomblé utilizam-se da festa como “um meio de expressão para exibir temas e valores como poder, realeza, sexo, maternidade, riqueza, luxo, beleza, entre outros.” Ou seja, afirmam-se nos espaços da festa por serem estes lugares onde têm possibilidade de se apresentar da forma que lhes convém.

Portanto, uma festa de largo possui um rito ou um conjunto de ritos sacros, sincréticos, que têm a referência de um templo. Sejam eles no interior de uma igreja ou voltados para ela. Segundo Serra (1999, p. 57), “a expressão ‘festa de largo’ já dirige a atenção para o que ocorre no espaço fronteiro à igreja, mas o que então se dá no largo tem sua oportunidade determinada pelo que acontece no templo”. Com isso, o sagrado confere sentido ao profano e é imprescindível que haja uma celebração de algum santo ou orixá para ser considerada uma festa de largo. A própria simbologia e significado das palavras festa/lavagem utilizadas como sinônimo demonstra o que Serra (1999) discute a respeito do sagrado e do profano estarem juntos nas festas culturais e explica:

Ainda que uma folia se dê no tipo de praça mais especificamente chamada largo – com uma igreja como edificação dominante –, não tendo a complementá-la algum tipo de rito sacro, ela não será “festa de largo”, mas apenas “de rua”. Por outro lado, claro está que uma celebração encerrada nos limites do templo,

sem o complemento de folguedo, não pode ser caracterizada como “festa de largo” (SERRA, 1999, p. 62).

Para Eufrázia Santos (2006, p. 6), as festas de largo na Bahia são compostas por ritos sacros e que têm como foco um templo, no entanto, diz a autora, suas cerimônias sagradas não constituem a totalidade da festa, pois “associam comércio com diversão pública”. Suas ações não se demarcam apenas utilizando-se de elementos da organização urbana permanente do lugar. Serra (1999) diz a mesma coisa em outras palavras, mas podemos retirar. Barracas são montadas especialmente para a festividade e, normalmente, estabelecem o delineamento do espaço festivo. O tempo de duração não é definido e, a depender de cada localidade, isso pode variar, como é o exemplo de Itapuã, que prorroga sua festa de quinta-feira até a “segunda-feira gorda”, quando é entregue o presente de Iemanjá.

[...] o tempo de duração da festa de largo é variável, e o principal marcador que define essa duração vem a ser o rito sagrado. Este pode limitar-se a um episódio que define o centro festivo de uma data consagrada, mas também pode estender-se por um período maior. (SERRA, 1999, p.57).

Na cidade de Salvador, segundo Eufrázia Santos (2006, p. 5-6), o verão é a estação do ano em que há uma “efervescência coletiva, com alegria, dispêndio, licenciosidades, dança e música alegres.” É uma época em que a densidade populacional da cidade se altera em função do grande número de turistas e “a busca do lazer como expressão que se contrapõe ao trabalho (nos moldes capitalistas) sofre um processo de teatralização” (SANTOS, 2006, p. 5-6).

Com isso, as festas passam também a ter valor de troca, pois são divulgadas pelo poder público e instituições ligadas ao turismo como um atrativo turístico e, portanto, reafirmam o formato do espetáculo e da festa enquanto produto. Mudanças aconteceram na maioria das festas de largo da cidade de Salvador e poucas comunidades que resistiram e reivindicaram a sua liberdade na forma de organizar seus festejos. As comunidades, então, abrem mão da sua liberdade, dando espaço para que forças “externas”, como empresas, políticos em mandato legislativo e sujeitos com interesses diversos, dessem os encaminhamentos nos festejos. Foi assim que “os trios invadiram as festas de largo, que em grande medida se desestruturam” (SERRA, 1999, p. 21).

Durante a festa, muitas “regras” da vida diária são quebradas e, para Duvignaud (1983, p. 67), não é possível associar “a festa à vida social normal porque ela é a própria coordenação da destruição”. Ou seja, durante os festejos, as regras são desconstruídas e, apesar de reconhecer que certas regras do cotidiano são quebradas, defendemos que a festa possui, em diversos momentos, principalmente durante a sua organização, associação com a vida social, na qual podem ser percebidos conflitos e fraquezas da comunidade, como também é possível ver um reflexo, mesmo que distorcido, do seu contexto cultural diário.

Enquanto a tradição tenta se manter imutável, algumas transformações decorrentes da modernidade podem influenciá-la de diferentes maneiras, pois há o aproveitamento do espaço festivo para a transgressão. Todavia, é importante levar em consideração que, para

o folguedo acontecer, é preciso toda uma organização de um grupo de pessoas envolvidas com a festividade.

A criatividade faz parte das festas populares e, para Eufrázia Santos (2006, p.4), novas tradições podem surgir ou reinterpretações de antigas práticas culturais acontecerem a partir do comportamento restaurado, que, segundo a autora, é o “comportamento repetido e sempre sujeito a revisões e mudanças”. Assim, a festa transforma e pode transformar o lugar. É capaz de mobilizar as pessoas de determinada comunidade em prol do evento cultural a partir da rede de relações sociais que são estabelecidas durante o cotidiano, ou, que se estabelecem durante o período festivo. As pessoas, por diversos interesses, mobilizam-se para fazer acontecer a festividade e se utilizam de muitas táticas para que tudo saia como imaginado.

O reflexo da comunidade dá-se durante esse período, no qual esta se encontra envolvida através da sua forma de organização, das crenças, das relações sociais estabelecidas, das disputas, das diferenças, das mudanças e dos acontecimentos. Busca-se, dessa maneira, conviver com a diversidade para que, a partir daí, sejam encontrados meios de cumprir a tradição, ao mesmo tempo em que se abre espaço para que o novo seja contemplado.

E é exatamente a comunhão que envolve o pequeno grupo, rica de ardor, que se opõe a tal diversidade. Faz-se necessário a existência de uma distinção entre as condições para que o ator imponha-se às categorias diversificadas. Na intimidade das comunidades, não existem representações falsas, as pessoas se olham e vêm a si próprios no reflexo dos outros. (DUVIGNAUD, 1983, p. 153).

Com as transformações nas festas de largo, os acontecimentos no largo tendem a ter independência total, de modo que a oposição da Igreja e do largo faz-se progressivamente menos complementar. Serra (1999, p. 79) defende que estas festas têm se tornado essencialmente pré-carnavalescas e diz que essa mudança está atrelada à massificação do fenômeno, fugindo de um contexto comunitário e “o espaço que correspondia a um circuito tradicional agora comporta a superposição de distintos canais de difusão de mensagens variadas. A própria tradição torna-se um bem de consumo, levado ao mercado pelas agências de turismo” (SERRA, 1999, p. 79).

Duvignaud (1983, p. 67) diz que as festas coletivas podem vir a se confundir com ilustrações de poderio ou de prestígio quando são abaladas por mudanças ou transformações causadas pelo contato intercultural, podendo vir a resultar numa “modificação interna, destruidora da cultura estabelecida”. E isso tem relação direta com a maneira que a comunicação, o diálogo se dá.

Jean Duvignaud (1983, p. 66) afirma que “toda a extensão de poderio aciona seu centro dinâmico de prestígio e irradiação e só viabiliza esta ação atacando o meio onde ela se inscreve”. Trazendo para o campo de investigação da Festa de Itapuã, principalmente numa comunidade em que a rede de relações é dispersa, mas, ao mesmo tempo, contém ligações próximas e amarradas, de alguma forma, a festa se torna um espaço para que seja exercido e demonstrado o “poder”. A visibilidade que o evento oferece é um meio propício para que os grupos possam obter visibilidade perante a comunidade e as pessoas vindas de fora do lugar.

Foucault (2014, p. 42), ao analisar a “mecânica do poder”, mostra-nos que existem “engrenagens do poder”, em que cada instituição e fragmentos da sociedade passam a ter importância para quem exerce o poder. Ou seja, as festas de largo também se enquadram nessas engrenagens e são espaços onde ele é exercido por diferentes indivíduos, sendo também disputado. A partir de uma “análise do poder”, o autor afirma que o poder não existe e não está numa instituição, nem nas mãos de uma pessoa, sendo, portanto, “um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidado, mais ou menos coordenado” (FOUCAULT, 2014, p. 369).

O poder não se repercute de maneira homogênea, ele tem existência própria e formas diferentes em cada nível, ou seja, em cada espaço. “Enquanto as relações de poder são uma relação desigual e relativamente estabilizada de forças, é evidente que isso implica um em cima e um embaixo, uma diferença de potencial” (FOUCAULT, 2014, p. 372). Desta forma, nas disputas de poder, interesses diversos vão aparecer e, no embate de ideias, gestos e atitudes, algumas decisões vão sendo tomadas, ora agradando a um grupo, ora desagradando. Isso aconteceu e continua a acontecer nas festas de largo. E somente o tempo e as atitudes dos envolvidos vão dizer o que permanece de ritual e o que é incorporado às tradições desse tipo de festividade. Cada lugar, comunidade e sujeitos envolvidos com as “lavagens” vão dar os encaminhamentos da festa, o que a seguir será evidenciado com a Festa da Lavagem de Itapuã.

## **PRESENTE E PASSADO DA FESTA DE ITAPUÃ**

A lavagem existe desde 1906 e, após mudar de data para não chocar com outras festas da cidade, acontece atualmente na quinta-feira anterior ao carnaval, em louvor a Nossa Senhora da Conceição, padroeira do bairro, sendo a última festa de largo do calendário de festas populares. Será que essa festa se configura enquanto manifestação de uma tradição mesmo depois de tanto tempo? Quais os elementos significativos nesse evento? Como se dá a distribuição de tempos e espaços na festa? Para tanto, pretende-se abordar a festa no presente e discutir o seu passado recente para, aos poucos, responder cada questionamento desses.

A Festa de Itapuã configura-se como manifestação de uma tradição, existindo e se mantendo há mais de 100 anos. Entretanto, é importante destacar que mesmo o que é tradição muda, se transforma ao longo do tempo. Algumas coisas permanecem e outras são incorporadas, ficando difícil dizer o que se manteve. Isso, porque pessoas nascem, morrem, e a responsabilidade de organizar a festa vai passando de geração em geração; cada grupo que assume imprime sua visão, sua forma de pensar como a festividade deve acontecer. Uns querem manter a festa como surgiu, outros pensam que modernizar ou inserir novos aparatos vai melhorar a festa. Alguns aproveitam a festa para complementar a renda familiar, enquanto outros fazem da festa um meio de ser conhecido e mostrar que tem prestígio por estarem à frente da organização. O item que segue vai descrever os momentos principais da festa na atualidade.



## UM POUCO DA FESTA DE ITAPUÃ NO ANO DE 2011

É possível ver algumas pessoas caminhando em direção à Praça do Geraldão durante a madrugada. (podemos modificar/retirar, mas tenho usado poesia em meus textos acadêmicos e não vejo problema nenhum nisso, penso que é condizente quando enriquece o texto, tornando-o mais leve e atraente para o leitor. Deixo a critério da Revista.) O primeiro grupo a sair pelas ruas, por volta das três horas é o “Bando Anunciador”, tradição muito antiga e que somente há alguns anos foi recuperada. Consiste numa charanga composta por músicos do próprio bairro, que saem em cortejo pelas ruas, acordando a comunidade, anunciando a lavagem e convidando a todos para se juntarem ao coletivo, até retornar ao ponto inicial, já no romper do dia, para comer a famosa feijoada na casa de Dona Nini.

Logo na madrugada, sai o aviso de que a lavagem nativa vai começar. Quando o dia amanhece, os interessados podem desfrutar de uma feijoada na casa de Dona Nini. (Mesma questão, fica a critério da Revista) As pessoas seguem para a casa de Dona Niçú, já falecida, onde seus filhos prosseguem com a tradição deixada pela mãe, o “café Nativo”. No local, são feitas rezas para Nossa Senhora da Conceição. As mulheres do bairro saem em procissão, acompanhadas de um jegue todo enfeitado puxando uma carroça com água, sabão e flores para lavar as escadarias da Igreja, que já se encontra de portas abertas para receber as ofertas à santa. Os fogos de artifício anunciando a “Alvorada” são ouvidos de longe e aquelas pessoas que ainda não acordaram têm a oportunidade de se levantar para se juntar à festividade.

Mobilizando católicos, adeptos dos cultos afrobrasileiros e pessoas de crenças diversas, essa é a chamada “Lavagem Nativa”, a primeira lavagem que acontece com o raiar do dia, às 5 horas da manhã. Em Itapuã, a Igreja mudou a data da festividade religiosa e, no dia da festa, abre as portas apenas no momento da primeira lavagem das escadarias para receber as flores da comunidade para Nossa Senhora da Conceição. Com isso, a questão da religiosidade acabou ficando a cargo dos moradores que estão à frente das ações, como também dos membros das religiões afro-brasileiras, que montam mesinhas na frente da Igreja, as quais contêm símbolos de sua cultura, como água, folhas, cinzas etc.

Nas escadarias da Igreja, a lavagem inicia-se e representa um ritual de passagem, em que se utiliza a água limpa para renovar, purificar e promover o renascimento, pois, para a comunidade de Itapuã, o ano novo só começa após a Lavagem da Igreja. As vassouras são passadas de mão em mão por todas aquelas pessoas, em sua grande maioria mulheres, que se interessam em lavar as escadarias, seja para pedir bênçãos ou fazer agradecimentos. Inúmeras histórias sobre o passado de Itapuã são contadas nos discursos ou durante a pequena caminhada até as escadarias.

Toda a lavagem era, e é até hoje, acompanhada por canções. As componentes do Grupo As Ganhadeiras de Itapuã praticamente guiam todo o processo juntamente com antigas ou novas moradoras, que têm o costume de participar do ritual. Lavada a escadaria e terminado o rito com o pedido de benção e paz para a festa e para todo o bairro, momento de reflexão destinado a pensamentos positivos para o lugar, o samba começa a tocar na porta da Igreja e contagia a todos os presentes numa grande roda.



Uma por uma, as mulheres encaminham-se para o centro do círculo, esbanjando sorrisos e mostrando samba no pé, nos quadris e em todo o corpo, apresentando formas particulares de movimentá-lo. Vez ou outra, alguns homens arriscam-se a entrar na roda e a sambar com as mulheres. A percussão é composta por músicos locais, que se organizam no momento da lavagem e decidem que instrumento cada um vai tocar.

Ao som de muito samba, o grupo volta à casa de Dona Niçú para saborear o café da manhã, que atualmente tem sido oferecido por seus filhos e família, prática retomada através do chamado Grupo Mantendo a Tradição, que tinha à frente a própria Dona Niçú, Dona Francisquinha, Dona Áurea, Detinha e Badu, guardiãs da cultura local. A manutenção disso? É “correndo o chapéu” que conseguem arrecadar dinheiro para realizar o café da manhã, que conta com o apoio da própria comunidade.

Na sequência, logo depois do café da manhã, uma roda de capoeira é formada bem em frente à igreja. Enquanto isso, as baianas e os grupos culturais encaminham-se para Piatã, antiga Praia de São Tomé, para iniciar o desfile, que vai até a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. O primeiro grupo a sair é o cortejo das baianas, junto aos Alabês de Mamãe, fazendo a percussão. Em dois carros abertos e enfeitados, vêm os homenageados, Dona Cabocla e Juvená. Durante o percurso, muitas pessoas invadem o cortejo para falar com parentes, amigos ou familiares que estão desfilando, como também muitos curiosos em sentir a força do grupo.

Tudo acontece com muita intensidade e ao mesmo tempo. É possível ver figuras ímpares, crianças, pessoas fantasiadas, protestos, famílias inteiras, rezadeiras, pescadores e uma infinidade de representações. Na festa, qualquer pessoa pode mostrar e divulgar suas criações, arte, música, dança etc. Na verdade, todos buscam atenção e é no momento da festa que as pessoas encontram espaço para viver seu “dia de artista”, pelo menos, naquele momento, já que a maioria dessas pessoas em seu cotidiano são “invisíveis” perante a sociedade.

Palco de todos, a festa é aberta à participação tanto da comunidade local, como de pessoas e grupos de fora, e, devido à quantidade de apresentações, é difícil acompanhar todas as exposições culturais que se espalham pelos espaços do bairro em função da espontaneidade do evento. Portanto, a Festa de Itapuã é um palco aberto para qualquer interessado em mostrar o seu trabalho artístico. Diversos personagens compõem o cenário com seus figurinos criativos; é o lúdico na festa, os sorrisos, a dança, as brincadeiras, o faz de conta.

## **REFLETIR O PRESENTE A PARTIR DE UM PASSADO RECENTE**

A importância da festa tem relação com aspectos formativos e culturais, através dos quais são aprendidos valores, conhecimentos e questões históricas, e um grande número de indivíduos são postos em socialização. Para os entrevistados, a festa é necessária à vida do ser humano por agregar as pessoas como parte integrante e atuante. Além disso, ela mostra como os micropoderes (FOUCAULT, 2014) se dão no bairro, em que disputas acontecem nos processos de organização no sentido de dar encaminhamentos para a festividade. Existem aqueles sujeitos que pensam na parceria entre a festa e empresas privadas. Outros

acreditam na colaboração da comunidade e do poder público para a festa acontecer. Além dessas, outras visões permeiam o lugar, mostrando as diferentes formas de manter e financiar eventos culturais.

É importante frisar que este festejo, historicamente, possui uma cultura de organização solidária e, devido à questão da tradição, foi sendo mantida e passada de geração em geração. No entanto, em um determinado momento, a festa passou a ser interessante para pessoas, empresas, políticos que tinham intenção de se envolver na festividade, mas não tinham sentimento de pertencimento pelo lugar e suas tradições. Com isso, as relações de poder são ampliadas, interesses diversos e externos passam a fazer parte dos debates organizativos. Amadeu, morador do bairro de Itapuã, músico, membro do grupo cultural “As Ganhadeiras de Itapuã” e coordenador da Casa da Música, diz que as festas passaram a ser transformadas quando pessoas de fora da comunidade passaram a se entrosar, trazendo novos valores e formas de organizar e fazer acontecer a festa.

[...] a comunidade respirava essa festa praticamente em três meses de celebração. E aí a lavagem era um ponto de culminância desse período. Com o tempo, isso foi se transformando. Ainda nesse período, a presença dos organizadores daquela época, Dr. Nelson, Seu Menezes, tantos outros aí que participavam e a vitalidade da comunidade. Mas aí foi mudando, com o tempo as influências diversas, de política, de estrutura, a lavagem foi também e todo esse período passou a se resumir a outras expectativas [...] (AMADEU).

Algumas dessas pessoas de fora se inseriram na cultura local, como foi o caso de Seu Menezes, e deram a sua contribuição, buscando respeitar as tradições locais, mas isso não foi suficiente para que a lógica mercantilista das festas tomasse um rumo oposto ao da lógica de cooperação solidária e entrasse na seara da competição, da obtenção de benefícios etc.

Assim, durante um período, a Lavagem de Itapuã sofreu algumas mudanças em sua estrutura e forma de organização. A festa cresceu e outros interesses foram, aos poucos, se inserindo na festa, se aproveitando dela, como é o exemplo dos trios elétricos e grupos midiáticos. Para Milton Santos (2009), as novas condições técnicas deveriam fortalecer as sociedades ao tempo em que deveriam ampliar o conhecimento do planeta, no entanto, elas são utilizadas por poucos atores em função de seus objetivos particulares.

[...] chegou num ponto da Lavagem se transformar num palco de trios elétricos e blocos, onde o comércio passou a prevalecer, porque estava dando realmente um resultado pra quem tinha blocos de trios, só que isso em detrimento de toda uma tradição que cada vez perdia mais espaço (AMADEU).

Ao falar sobre a época dos trios elétricos, Amadeu descreve como a festa foi descaracterizada, pois as pessoas que passaram a se envolver com a festividade não tinham comprometimento com a tradição e nem com o lugar, gerando conflitos diversos. Para ele, não há problema em ter trio, contanto que seja para “o compartilhar, com o intuito do reconhecimento de um olhar para o outro”, ou seja, no sentido de integrar as pessoas que moram no lugar, já que uma reclamação comum tem sido a questão da relação da população nativa com os novos moradores do bairro que desconhecem a cultura local.

Nesse momento, enquanto alguns moradores antigos se recolhiam, se mudavam, se afastavam, outros passaram a se mobilizar, a resistir no sentido de não deixar que a festa mergulhasse profundamente nessa lógica, e tal movimento começou a mexer com o sentimento de pertencimento e a aproximar novamente as pessoas pela solidariedade de estar lutando pelo mesmo objetivo, que era, e ainda é, não deixar que as tradições do lugar percam seu sentido, pois estas são os pilares principais da cultura de Itapuã, como traz Ives, artista plástico, membro da Associação de Moradores de Itapuã – AMI e membro da comissão de organização da Lavagem no ano de 2011, em seu depoimento.

A gente conseguiu, talvez, estabelecer, com muita clareza, esse sentimento de pertencimento e da importância que isso tinha, e tem, para a comunidade. Então a questão da Lavagem, a gente ouviu muitas famílias tradicionais dizendo: “mas a festa sempre foi nós que fizemos, a festa é nossa, é da nossa comunidade, não é pra turista.” Se vai ter 50 baianas ou 200 baianas não interessa, o que interessa é que estejam as 50 baianas que sejam nossas, isso não é pra turista ver, isso é que precisa ficar estabelecido. Porque essa foi a política, infelizmente, que fizeram, parece que a festa...ela está somente vinculada pra quem vem consumir, que é algo que precisa ser dimensionado. Consumir o quê? Se não, a festa perde o cerne, que é o que tem de simbólico e o que tem de significado (IVES).

Assim, a convivência e aproximação das pessoas foi, aos poucos, transformando o lugar dividido num só lugar, mas que não deixou de ser cheio de conflitos e disputas pelo “poder”. Algumas pessoas da comunidade, descontentes com a forma como a festa estava sendo realizada, buscaram meios que pudessem retirar o trio elétrico da festa, fato que provocou uma série de discussões, inclusive, porque muitas pessoas lucravam com isso. Depois de muitas discussões e disputas, os trios elétricos são retirados da Lavagem de Itapuã e, com eles, todo o dinheiro que era injetado na festividade.

Isso [participação do trio elétrico] foi uma decisão do coletivo e que foi ruim, porque a gente deixou na mão de determinadas representações políticas que terminaram não se responsabilizando em assumir uma captação de recursos para bancar essas manifestações culturais, o que terminou não se efetivando e isso criou um conflito sério, que no ano de 2010, a Lavagem quase não ia acontecer pela falta de diálogo e comprometimento do ano anterior e que a gente foi retomar em 2011, com a festa com a nossa cara, com a comunidade se articulando, que foi a festa com o nome Itapuã Nativa Ativa (IVES).

O significado do nome Nativa Ativa é uma forma de levantar a bandeira de que o povo retoma a direção da festa independentemente de promessas de contribuições alheias, lembrando como tudo surgiu, quando a festividade acontecia a partir de doações da própria comunidade, unida em torno da tradição. Mesmo com essa bandeira levantada, a diversidade de ideias, a falta de amadurecimento político e de debate tornaram-se obstáculos a serem ultrapassados. Assim, a comunidade nativa começa a desenvolver dentro de um processo de educação política, social e econômica, abraçando os desejos do coletivo atuante no bairro e tomando as rédeas da situação. Biriba, capoeirista e membro do Grupo Vadição Capoeira, vai esclarecer essa questão dizendo:

Se tirou os trios elétricos e aí os nativos tiveram que assumir a festa, “agora a festa é nossa”, e aí todo mundo retornou com seus arrastões, suas apresentações, começou levar realmente o que Itapuã tem para a Lavagem. O que Itapuã tem de melhor na sua cultura, começou a levar para a Lavagem, que tinha se perdido. A Lavagem estava começando uma hora da tarde com a saída dos trios e agora não. A principal atração na Lavagem é o cortejo que estava um pouco esquecido, e agora não, a principal atração voltou a ser o cortejo. [...] pra você ver, todo mundo que estava um pouco afastado voltou para fazer a festa, então os filhos da casa fizeram a festa dentro de casa, então por isso que foi considerada a festa dos nativos (BIRIBA).

Nesse momento, a comunidade nativa aproveita a sua principal festa para discutir questões fundamentais para o bairro. Começa a ter novamente inspiração para continuar resistindo com suas tradições e percebe a necessidade de contagiar as pessoas com um sentimento de pertencimento, que as humanize para o cuidado com o lugar, com o território e as pessoas. O empoderamento da comunidade mostrou que o povo, quando quer, é capaz de resistir e buscar meios para legitimar a sua luta que, historicamente, sempre existiu em torno da preservação da sua cultura. Assim,

[...] o território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante, mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar tem um papel ativo na formação da consciência. O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente (SANTOS, 2009, p. 80).

Então, torna-se necessário atentar os olhares para o todo, pensar na festa, na cultura, no sentimento de pertencer, na história do território, ou seja, numa forma de gerir a festa preservando a cultura local e suas tradições, mas, ao mesmo tempo, sem deixar de levar em consideração as transformações que ocorreram no bairro e que afetam as relações sociais, políticas e culturais. Dessa forma, a gestão da festa será descrita a partir de citações tanto das reuniões de organização, como de fragmentos das entrevistas realizadas após a festividade de 2011, enfatizando as principais discussões, preocupações, questionamentos, indignações e consensos dos seus participantes.

## **A ORGANIZAÇÃO DA FESTA DE ITAPUÃ**

Alguns meses antes da Festa de Itapuã inicia-se a sua gestão. Através do “correio nagô” - expressão utilizada por Raimundo Bujão, filósofo, membro da Associação de Moradores de Itapuã - AMI e membro da comissão de organização da Lavagem no ano de 2011, que significa de boca em boca, dos encontros e desencontros dos moradores pelas ruas, a notícia de que as reuniões de organização da lavagem vão começar se espalham rapidamente pelo bairro. Lideranças comunitárias, grupos culturais, moradores, comerciantes, representantes do poder público - como a polícia - e, até mesmo, políticos - como vereadores e deputados

em mandato legislativo - passam a frequentar as reuniões, evidenciando as relações de poder.

Para Foucault (2014, p. 138) o primeiro passo para se iniciar uma luta contra o poder, ou melhor, para fazer uma inversão do poder é falar publicamente a respeito, “forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo”. Quando sujeitos ou grupos tentam imprimir sua força, seu poder, ficam susceptíveis a enfrentar resistências que vão se utilizar de estratégias e táticas para lutar contra determinadas posições para defender outras.

Assim, diálogos e disputas vão esquentando as reuniões que passam a ser comentadas por todo canto da comunidade. Cada participante vai aos poucos pedindo a palavra e expondo o que pensa, fazendo perguntas, oferecendo ajuda, dando resposta aos comentários feitos etc. E isso caracteriza uma gestão social, na qual o processo decisório é exercido por meio de diferentes sujeitos sociais. Estes tratam de tentar harmonizar internamente seus planos de ação e de só perseguir suas respectivas metas sob a condição de um acordo negociado em coletivo.

No ano de 2011, mesmo sem a confirmação de contribuição financeira por parte do poder público, a comunidade e pessoas interessadas na Lavagem de Itapuã reúnem-se para encontrar meios próprios de fazer a festa acontecer. Amadeu relembra a forma como eram organizadas as festividades, na base de doações, trazendo à tona como os grupos se mantinham e diz que isso tem sido uma busca da comunidade nativa: retomar essa arte de fazer coletivamente.

Então, botar uma expressão cultural na rua hoje é bem diferente do que era antes, porque antes as coisas eram compartilhadas. Se precisava fazer um feijão pra galera, todos participavam de alguma maneira, uns mais, outros menos. Se precisava construir roupas, era tudo feito na base do mutirão. Esse sentimento de mutirão, de participação, hoje, ao longo do tempo, passou a ser sempre esperado algo de fora, algum recurso de patrocinador, do governo, disso e daquilo, que é natural também se ter, mas acho que a gente tem buscado também isso, resgatar esse sentimento de mutirão pra que a gente não fique à mercê (AMA-DEU).

Outra discussão gira em torno da arte de fazer acontecer a festa na comunidade, pois, durante um bom tempo, resumiu-se à espera do dinheiro que o poder público especulava dar ou ainda das doações de políticos que frequentavam as reuniões de organização, fazendo suas plataformas políticas.

No ano de 2011, a não garantia dos recursos financeiros provenientes da prefeitura obrigou a comunidade a descobrir uma maneira de fazer acontecer a festa. Conta Rose, neta de Dona Cabocla, membro da comissão de organização da Lavagem no ano de 2011, que a sua presença na comissão de organização se deu ao saber de rumores no bairro que diziam que a Lavagem não iria acontecer ou não aconteceria de forma satisfatória pois a Bahiaturisa, que durante anos contribuiu pagando e disponibilizando baianas, nesse ano, negou o pagamento destas que iriam sair no cortejo. Rose comenta que achou um desaforo a Lavagem de Itapuã ter mais de 100 anos e a participação das baianas ser apenas mantida por um valor simbólico.

Nesse momento, Bujão, ao sair de uma das reuniões de organização da lavagem, dá a notícia de que foi decidido pelo coletivo presente que Dona Cabocla (sambadeira, compositora, cantora e avó de Rose, com mais de 100 anos) seria homenageada junto com Juvená – barraqueiro conhecido. Rose aproveita para dizer que a comunidade deveria ser convocada para participar, fazer a festa acontecer, já que a Lavagem é do bairro e que a participação deveria ser por amor. Desse dia em diante, Rose frequentou as reuniões e assumiu a responsabilidade de mobilizar as mulheres de Itapuã, estando junto a Eurico, aposentado responsável pelo Terreiro Aloyá, membro da comissão de organização da Lavagem no ano de 2011 e responsável pelo cortejo das baianas.

Essa questão das baianas é apenas um exemplo entre tantos outros, pois, não eram pessoas voluntárias e da comunidade local que se apresentavam enquanto personagens da sua festa, eram baianas contratadas as atrizes principais. Ou seja, ao invés de fortalecer o movimento cultural na comunidade, o pagamento das pessoas gerou desentendimentos e muitas brigas.

Quando questionado sobre como é decidido de que forma deve ser gasto o dinheiro que vem do governo, Bujão, responde que esse pagamento tem sido um problema, porque os recursos nunca chegam na época certa e isso acaba prejudicando a organização do festejo, que fica sem a quantia mínima para fazer acontecer a Lavagem; relata que, no ano de 2011, foram elencadas, nas reuniões, níveis de prioridade e que o dinheiro recebido seria gasto apenas com o que fosse necessário, com o que fosse tradicional e o resto, como os grupos, deveriam por conta própria, da sua maneira, se organizar para conseguir os recursos.

Esse é um problema muito sério, porque, primeiro que os recursos, quando chegam aqui, nunca chegam na data por parte da prefeitura. Esse ano nós tivemos uma comissão representativa, mas, por exemplo, a festa aconteceu em fevereiro e o recurso só saiu em maio, então como é que você consegue fazer uma festa dessa maneira? Algumas pessoas acabam se endividando, algumas empresas, alguns parceiros. [...] também teve campanhas de doações de materiais, como feijão, carne, foi toda uma campanha e isso ajudou muito. Quer dizer, quando o recurso chegou atrasado, tivemos que pagar as pessoas que se envolveram, alguns grupos e isso está tudo em relatório que nós estávamos inclusive entregando à prefeitura (BUJÃO).

E Biriba também traz uma crítica em relação a esse recurso que chega, mesmo atrasado, afirmando que “as pessoas não são transparentes”, pois não expõem em algum espaço da comunidade uma prestação de contas, deixando a desejar na questão da transparência de como foi realizada a festa, abrindo espaço para quem quiser criticar.

Ulysses, membro do grupo cultural Korin Nagô e um dos responsáveis pelos tocadores que acompanham o cortejo das baianas, faz uma crítica à forma como tem sido conduzida a gestão da festividade, tanto em relação ao prazo de início de planejamento, como também de prestação de contas. Para ele, uma forma de resolver esses problemas de transparência e organização seria iniciar o processo organizativo logo após o outro, finalizando sempre com a prestação de contas para toda a comunidade. Esse foi um ensinamento que o mesmo obteve observando tios e familiares que organizavam batucadas, ternos de Reis e outras manifestações.

Em relação ao retorno da prestação de contas para a comunidade, Bujão diz que esse *feedback* é dado através dos grupos e organizações. Segundo ele, a entidade chamada “Frente Comunitária Parlamentar Mista em Defesa de Itapuã” foi constituída a partir da união proveniente da Lavagem de 2011, e é quem deve convocar as reuniões de organização da Lavagem para que o relatório à prefeitura seja apresentado. No entanto, isso talvez legitime a presença dos políticos, o que parece ter sido um dos entraves das Lavagens anteriores.

Um dos problemas descobertos por Ulysses através das gravações feitas nas reuniões é a questão da inserção dos políticos nos momentos de discussões da organização da festa. O mesmo relata que, em cada reunião, ia um vereador diferente para ficar dando opiniões e fazendo promessas. Para Paulo Freire (2005, p. 60),

“a ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, ‘ação cultural’ para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles”, dialógica, pois não se deve aproveitar da visão inautêntica e da dependência emocional decorrente da dominação dos sujeitos, sendo que o aproveitamento por parte de qualquer ser humano é con-dizente com a carapuça do opressor, que se serve da dependência para reproduzir mais dependência. “O antidialógico se impõe ao opressor, na situação objetiva de opressão, para, pela conquista, oprimir mais, não só economicamente, mas culturalmente, roubando ao oprimido conquistado sua palavra também, sua expressividade, sua cultura” (FREIRE, 2005, p. 157).

Para que haja a ação libertadora, conceitos como os de organização, mobilização e luta precisam ser compreendidos e colocados em prática. Todavia, o que interessa ao poder opressor é enfraquecer os oprimidos cada vez mais, criando e aprofundando cisões entre os sujeitos, através de métodos e processos variados que vão desde “os métodos repressivos da burocratização estatal, à sua disposição, até as formas de ação cultural por meio das quais manejam as massas populares, dando-lhes a impressão de que as ajudam” (FREIRE, 2005, p. 161).

Surge o seguinte questionamento: como tornar públicas as ações de mobilização e prestação de contas? Essa é uma questão fundamental, pois, apesar da comunidade ter em si a característica de ser pequena, das pessoas se conhecerem, ao mesmo tempo, muitos indivíduos que moram no bairro e que por diversos motivos não se emaranharam na comunidade ligada às tradições precisam ser informados sobre as reuniões, debates e eventos do lugar. Uma maneira de socializar os recursos recolhidos, os gastos e demais eventos seria um mural público que pudesse divulgar a planilha de custos e, até mesmo, as datas das reuniões públicas, colocada em um espaço movimentado e de fácil acesso como a Praça Dorival Caymmi.

Além disso, observa-se que, em Itapuã, falta a experiência de discussão democrática durante as reuniões de organizações, pois muitas discussões saíam da temática da Lavagem; alguns participantes pediam a fala para fazer discursos se autopromovendo, outros aproveitavam para retratar problemas do bairro, alguns discursavam querendo a sua parte do dinheiro a ser enviado pela prefeitura, entre outras tantas falas que demonstravam muito mais uma preocupação individualista do que com o coletivo, evidenciando uma conscientização social imatura.



A Festa da Lavagem passou, com o tempo, a ser vista como um espaço comercial, no qual muitos dos envolvidos diretamente com a organização almejavam conseguir benefícios, que vão desde financeiros a prestígio político.

Quando acontece de ter o recurso, as pessoas se engalfinham, se digladiam por conta de querer cada um ter mais do que o outro. Então, passa pela sabedoria e, principalmente, por quem está à frente, quem tem condição de dar algum exemplo, quem tem condição de mostrar que é possível fazer de maneira compartilhada, cooperativa (AMADEU).

E em meio a tantos discursos vazios e sem perspectiva de contribuição, muitos valorizando e reivindicando a questão do dinheiro, algumas pessoas tinham momentos de lucidez para alertar sobre a importância daquela reunião, como foi o caso de Mel, professora da Escola Malê Debalê, membro da Associação de Moradores de Itapuã- AMI e membro da comissão de organização da Lavagem em 2011:

Bem, essas reuniões aqui pra quem não conseguiu ainda entender já vêm acontecendo há dois meses e meio, bem antes de eu ser convidada pela AMI para participar da comissão de cultura. Obviamente que existe aquele bichinho que fica mexendo na ferida, que deve ter um erro na comunicação, dizendo que tá rolando esse diabo desse dinheiro, não é?! Porque aqui a gente está de graça, mesmo com a cara e a coragem, tentando realmente resgatar essa tradição de cultura oral, essa tradição que começou aqui, com os nativos de Itapuã, que é uma coisa belíssima de você resgatar, os povos, resgatar o Terno de Reis, você saber o que é isso e do próprio sentido dessa cultura popular, inclusive para as crianças do bairro. Essa questão toda de infraestrutura do bairro foi discutida anteriormente, mas é bom lembrar que a pauta de hoje não é pra discutir essas coisas senão a gente se perde. É só uma questão de organização [...] Podem ter ruídos na comunicação, vai ter mesmo essa questão, estamos lidando com gente, com pessoas, essas pessoas vai divergir, agora o sentido da coisa é esse mesmo, o diálogo, não pode faltar diálogo. Não é isso?! Então essa questão do diálogo, do respeito, são pressupostos que a gente aprende na nossa família. Respeito, solidariedade e honestidade. Então quando se diz que está tendo dinheiro e eu estou aqui pra dinheiro, é porque vem buscar, porque tá rolando e alguém está ficando com o dinheiro. [...] Então essa questão do comunitarismo é muito bom, porque isso é o resgate do povo, é dos nossos ancestrais, entendeu?! Esse negócio do comunitarismo, vamos ajudar realmente um ao outro, isso é coisa que é da cultura negra, isso é coisa que vem dos nossos ancestrais. É bom falar que os valores a gente aprende com o papai e com a mamãe, tá?! Muito obrigada (Fala de Mel, gravada na reunião do dia 08 de fevereiro de 2011).

Essa foi uma das chamadas que eram dadas para que as pessoas presentes nas reuniões e que estavam mal-intencionadas e divergindo dos objetivos percebessem que se estava tentando mudar a forma como vinha sendo organizada a festa. Outro exemplo de uma tentativa de conscientizar os sujeitos para ter responsabilidade social foi a resposta dada por Rose a uma pessoa que reivindicava verba para colocar a sua manifestação na rua:

Não temos recursos, nós temos que nos doar, toda essa organização foi con-

struída assim. Estamos em equipes de mobilização, se cada um fizer sua parte, sua doação, vamos batalhar para que a tradição não morra, independente de dinheiro, contando com a participação de cada grupo. A capoeira, os ciclistas, as baianas etc. Se tem o feijão e falta a carne, um traz a calabresa e outro a carne de sertão e faremos a brincadeira [feijoada]. A temática da Lavagem é a união dos nativos para fazer a própria festa, vamos limpar a imagem de que a festa é violenta quando, na verdade, isso vem de fora da comunidade (Fala de Rose registrada na reunião do dia 08 de fevereiro de 2011).

Desta forma, as reuniões de organização em Itapuã demonstram claramente como as disputas pelo poder se manifestam na comunidade e seria interessante que os sujeitos envolvidos na gestão da festa tivessem consciência do que significam as relações de poder. Primeiramente, estas não têm relação com manipulação. É uma troca de exercício de liberdade que ajuda na tomada de decisões em função do modo de vida do lugar, em que uns abrem mão de sua liberdade em função do outro, levando em consideração os interesses comuns. Este seria um patamar de profunda conscientização, devendo o sujeito ajudar àqueles com grau inferior de conscientização a ascender, o que tem acontecido timidamente durante a organização da Festa de Itapuã, como é o exemplo das falas citadas acima.

Essas relações de poder, muitas vezes, não se desenvolvem devido à falta de conhecimento e amadurecimento, afastando os sujeitos dos objetivos de importância social quando estes assumem posturas egoístas, interesseiras e tendenciosas, demonstrando uma falta de consciência e compromisso social.

Essas relações de poder devem se manifestar num clima de responsabilidade social e na dimensão de respeito entre os indivíduos. Dessa forma, quem ainda não obteve uma consciência crítica precisa aprender com aqueles que possuem um nível maior ou uma consciência mais madura para lidar com as situações. Mesmo assim, muitas pessoas continuam seduzidas pelo dinheiro ou benefícios que podem vir a ser obtidos com a participação nesse meio junto às “oportunidades de negócios” que podem surgir. E ninguém está protegido dessa sedução e é justamente a paixão mencionada pelos entrevistados, como também por Frei Betto (2000, p. 36) e por tantos outros autores, que pode vir a fazer um contrapeso para que nesse mundo do dinheiro seja aberto espaço para se pensar nos indivíduos de uma forma mais humana, solidária, prezando os direitos sociais e pensando na sustentabilidade da festa. Para Eurico,

Ainda há uma participação dos moradores antigos, dos itapuanzeiros, porque, na verdade, eles é que são a mola mestra dessa festa, mas há uma contribuição muito grande daqueles que chegam, com a sua tecnologia, com a sua inovação, só não podemos permitir que mude, o que é tradição não se muda, mas pode-se melhorar com o que chega, com os novos conhecimentos. Isso nós precisamos. Nós não podemos é descaracterizar a Festa de Itapuã, que isso é amor, é paixão. E amor e paixão não se explica, acontece (EURICO).

Atualmente, os grupos organizam-se internamente para desfilar na Lavagem, seja promovendo uma série de eventos e feijoadas para arrecadar fundos para as despesas

do desfile, seja arrumando patrocínio de empresas locais, seja através de doações etc. A organização e execução de táticas diversas são fundamentais para que os moradores possam ver a festa acontecer. Os envolvidos movimentam-se para deixar tudo nos conformes. Milton Santos (2009, p. 58) diz que

Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. É desse modo que, gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimento da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos e organizações (SANTOS, 2009, p. 144).

Esses espaços de organização da festa contêm ensinamentos e formas de fazer a Lavagem passados de geração em geração, que são, portanto, parte de uma tradição local e ainda espaços não conformes à racionalidade opressora. Por isso, Ulysses diz que “a comunidade vem mantendo as suas tradições, porque a gente é persistente. A gente não deixa tomarem tudo, a gente tem uma guerra, uma luta, pra sempre manter aquilo”. Ele revela como vem tentando fazer isso, ensinando, mostrando aos seus familiares como e por que tudo acontece, contando as histórias que ele sabe, para que um dia sejam recontadas para a geração seguinte.

Assim, esse processo de mobilização comunitária e de produção cultural nada mais é que um processo de humanização da comunidade e demais envolvidos. É um espaço de educação política, cultural, social e, até mesmo, econômica de como gerir e lidar com recursos financeiros destinados a manifestações culturais. Este espaço exercita a cidadania, põe os sujeitos em discussão para decidir o melhor para todos ou para a maioria, sendo estes estimulados a buscar meios para fazer acontecer seus projetos, ações, eventos e manifestações, sejam com apoio do governo, outras instituições, exclusivamente bancados pelos próprios moradores locais ou resultante de uma parceria de todos os mencionados.

Portanto, no cotidiano de convivência comunitária dos territórios existe uma diversidade de pessoas que precisa exercitar o diálogo através do respeito às diferenças para que as reconstruções culturais possam acontecer de maneira respeitosa e mais humana, para que as relações de poder possam acontecer de maneira consciente, de maneira a respeitar a liberdade dos envolvidos e com compromisso social no sentido de tornar a gestão da festa um aprendizado e desenvolvimento humano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As festas de largo fazem parte da cultura soteropolitana. Com o passar do tempo, cada lugar foi, aos poucos, modificando suas tradições a partir das relações de poder exercidas, produzindo impactos, provocando mudanças sociais, políticas, educacionais, organizacionais e econômicas.

A Festa de Itapuã é uma prática social de gerações e passou muito tempo sofrendo influências

externas e internas. Isso afastou moradores implicados com a tradição ao tempo em que a festividade, aos poucos, foi se transformando e ganhando novos sentidos. Insatisfeitos com a maneira como a festa passou a ser gerida, alguns moradores resolvem mobilizar o lugar e realizá-la mediante a utilização da própria força de trabalho e recursos disponíveis, tanto na comunidade como provindos do poder público.

Percebe-se que a mudança na forma de organizar a Lavagem influenciou nas relações sociais, uma vez que, inicialmente, o evento era feito de forma compartilhada, entre os membros da comunidade, e, com o passar do tempo, transformou-se, com a inserção de colaboradores como o Estado, políticos, empresários, que investiam quantias em dinheiro, em marketing, turismo, comércio etc., trazendo a necessidade de uma nova estruturação e amadurecimento da comunidade para lidar com os interesses diversos que adentraram na festa.

A estratégia utilizada pela comunidade de Itapuã para lidar com as transformações que a tradicional Festa de Itapuã vinha passando foi a autoafirmação de suas raízes e relação com o bairro, despertando o sentimento de pertencimento dos moradores, a solidariedade e a maneira compartilhada de gestão da festa. Dessa forma, a Lavagem começa a ter, no cotidiano compartilhado, nos entretempos que renovam o que é comum a todos, inspirações para dar continuidade às tradições locais de uma maneira ressignificada.

Essa forma de reagir resistindo aproximou muitos moradores dos processos culturais organizativos e dos saberes populares, conscientizando-os de que é preciso criar estratégias de organização para fazer a festividade acontecer. Nesse processo, as tradições ganharam importância, sendo mantidas por uns, enquanto novas maneiras de fazer o festejo passaram a ser discutidas e incorporadas. Todo esse movimento tende a somar na formação das pessoas envolvidas, desenvolvendo a sua consciência crítica de maneira libertária, criativa, autônoma e mais humana, pois é possível, nos espaços sociais organizativos, explicitar suas ideias e opiniões, ajudando também na tomada de decisões.

Essa formação dá-se a partir dos enfrentamentos perenes das relações de poder. Cada sujeito vai, aos poucos, utilizando estratégias para convencer o outro das suas intenções. Forças chocam-se e contrapõem-se a depender da forma como cada um pensa a festa. Aos poucos, uns sujeitos vão convencendo outros e o choque de forças nas relações de poder acaba permitindo que os consensos sejam firmados, modificando a forma de pensar dos envolvidos, criando questionamentos e os fazendo refletir sobre a sua própria prática. A conscientização dos sujeitos vai, aos poucos, fazendo-os perceber essas relações de poder e o antagonismo de forças que existem e permeiam o festejo.

Nesse sentido, a festa pode ser vista como um instrumento de poder, que passa por disputas e relações de força. Além disso, ela é um espaço coletivo em que o povo pode representar o seu modo de vida particular, seus costumes. A massificação desse espaço silencia o povo, apaga as suas marcas, suas memórias, abrindo uma lacuna para que o poder seja passado das mãos da população envolvida para as mãos de forças dominantes que têm como principal interesse a explorar. Mesmo assim, essas relações de poder, como diria Foucault (2014), são produtivas e permitem tanto a formação dos envolvidos como também um processo de reconstrução da festa.

## NOTAS

- 1 Submetido em: 10 maio 2014. Aceito para publicação em: 9 set. 2014.
- 2 É importante frisar que todos os entrevistados preencheram formulário autorizando a sua participação na pesquisa e divulgação dos conteúdos das falas e imagens.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na Rua**. Campinas-São Paulo: Editora Papyrus, 1989.
- DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Tempo Brasileiro/Universidade Federal do Ceará - UFCE, 1983.
- FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 11. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- SANTOS, Eufrázia C. M. Performances culturais nas festas de largo da Bahia. [s.l.]: ANPOCS, 2006. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a40-esantos.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.
- SANTOS, Milton. **Por outra globalização**: Do pensamento único à consciência universal. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SERRA, Ordep. **Rumores de festa**: “o sagrado e o profano na Bahia”. Salvador: EDUFBA, 1999.

**Débora Matos  
Maia**

Professora da Escola Municipal Vinícius de Moraes. Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Membro do grupo de pesquisa Griô.